

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA / Dep. BAB

Ervas Pioneiras

Beatriz Soares de Meirelles
DRE: 117258209

Orientador: prof. Dr. Frederico Carvalho

Rio de Janeiro
2023/2

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

M514e Meirelles, Beatriz
ervas pioneiras / Beatriz Meirelles. -- Rio de Janeiro, 2023.
33 f.

Orientador: Frederico Carvalho .
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2023.

1. ervas pioneiras . 2. pintura . I. Carvalho ,
Frederico , orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA / Dep. BAB

Título do Trabalho

Beatriz Soares de Meirelles
DRE: 117258209

O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema Phanteon da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação online. Compromete-se também a enviar resumo e no mínimo três imagens dos trabalhos realizados para seu orientador, a fim de serem divulgados online no site do Curso de Pintura da UFRJ. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

Aprovado em: 26 de 09 de 2023



Orientação | prof. Dr. Frederico Caryalho



prof. Mestre Lurdes Barreto



prof. Dr. Júlio Sekiguchi

nota 10 com
trabalho!

RESUMO

O projeto que aqui apresento como trabalho de conclusão de curso é sobre as ervas pioneiras, sua insistência em sobreviver em espaços hostis, portanto as obras visam homenagear essa luta. O projeto de pesquisa que venho desenvolvendo fala sobre os marginalizados, todos que por qualquer razão não são abarcados pelo sistema.

As ervas pioneiras funcionam como objeto de pesquisa poética, seus processos de adaptação as tornam presentes em todas as áreas, sejam urbanas e/ou rurais. Nas áreas urbanas, elas ocupam ambientes muito hostis e precisam ser adaptáveis e encontrar pequenos pedaços de solo para prosperar.

São resistentes, sobrevivendo em condições muitas vezes inóspitas, com pouco solo, água ou luz solar direta. Elas crescem entre pedras de pavimentação ou em terrenos baldios na cidade, afirmando-se tenazmente, apesar de serem negligenciados pela maioria dos transeuntes. Assim as ervas pioneiras deslocadas agem metaforicamente as camadas sociais urbanas, igualmente mutacional, móvel, mestiça e diaspórica. E também é assunto quando falamos de negligência prolongada e medidas extremas de controle.

As obras então deslocam essas ervas e cria um cenário de grande riqueza de detalhes, com o objetivo de ver a beleza oculta nessa natureza tão negligenciada. Composta por mais de 100 obras de diversos formatos e materiais.

Palavras chaves : Pintura. Ervas Pioneiras. Arte. Marginalizados. Sociedade. Sistema.

SUMÁRIO

1. Introdução	página 6
2. Diário de pesquisa.....	página 7
3. Ervas pioneiras	página 11
4. Sobre pintura	página 18
5. Influências artísticas	página 28
5. Conclusão	página 33
6. Bibliografia	página 34
8. Anexo 1 - Exposição individual	página 34

INTRODUÇÃO

Vivemos em um momento muito particular da história, onde a polarização social e política é cada dia mais evidente, viver para o simples prazer de se alimentar e vestir parece cada vez mais um sonho impossível. O capitalismo e a sua sede por conquistas é o que define hoje grande parte do mundo ocidental, logo poderíamos dizer que uma pessoa bem sucedida dentro deste sistema seria alguém capaz de lutar, resistir e superar qualquer obstáculo afim de alcançar a tão sonhada estabilidade financeira, com o pacote: casa, família e uma carreira de milhões. Mas, então, por que será que o sistema dia após dia, afoga essa pessoa em pilhas e mais pilhas de processos burocráticos, tornando o diferente em um marginal que vive de de auxílio e o privilegiado um líder nato?

Portanto afim de evidenciar essa luta por sobrevivência, foi que surgiu está pesquisa intitulada: Ervas Pioneiras. Há aproximadamente 3 anos, quando tencionada por um diagnóstico tardio de dislexia (transtorno de origem neurobiologia que compromete a leitura, devido a dificuldade com a equivalência entre fonemas e símbolos gráficos), me deparei com a necessidade de discutir questões relacionadas ao desconhecimento e à ausência de práticas benéficas para com a diversidade no Brasil, a total falta de atenção institucional e social ao que tem crescido as margens do esperado, que não se encaixa nos padrões estabelecidos e que busca transgredir os programas.

Assim pensando sobre a dislexia produzi pinturas e esculturas que me ajudam a expor esta revolta que sentia por uma vida escolar tão difícil, que poderia facilmente ter sido adaptada se houvesse um diagnóstico precoce e uma estrutura educacional flexível. As obras Método 01 e Método 02 são especificamente sobre este assunto, minha questão com o sistema de ensino que insiste na repetição como método de construção de conhecimento, mas que para pessoas como eu, funciona como barreiras capazes de moldar seu autoconhecimento, a saber nunca ser possível aprender sem uma boa medida de sofrimento.

Na busca por tornar a vida um pouco mais leve durante o confinamento que sofremos na pandemia, investi meu tempo em reformar meu jardim, da casa que moro atualmente com meus pais em Maricá. No processo me atentei as "Ervas daninhas" principalmente como elas são capazes de resistir e se adaptar a ambientes variados. Tornando-se o objeto de pesquisa perfeito para falar sobre os marginalizados, já que elas tem como característica fundamental seus processos de adaptação e portanto tornam-se presentes em todas as áreas, sejam essas áreas urbanas ou rurais. Nas áreas urbanas, elas ocupam ambientes muito hostis e precisam ser moldáveis, desse modo encontram pequenos pedaços de solo para prosperar. Elas crescem entre pedras de pavimentação ou em terrenos baldios na cidade, afirmando-se tenazmente, apesar de serem negligenciados pela maioria dos transeuntes.

Como são plantas endêmicas ao local e muitos resistente, em competição em um jardim com plantas estrangeiras e ornamentais as Ervas Pioneiras são sempre vitoriosas, o que é fácil perceber ao manter um jardim sem manutenção por algumas semanas. Fato que me levou a questionar como seria vê-las competindo entre si, resistindo e prosperando em um local apropriado, capaz de torná-las objeto de estudo e observação, assim montei a obra "Monumento as Ervas Pioneiras", para enaltecer esta luta de forma a criar camadas de caixotes que assim como as camadas sociais, co-dependentes, e agora formando um corpo de plantas que anteriormente eram independentes.

Quando retornei a pintura durante a pandemia, me questionei até que ponto as Ervas Pioneiras eram capazes de resistir, será que elas sobreviveriam mesmo a tudo? Foi assim que iniciei a série Mergulho, onde coloco as ervas pioneiras no ambiente mais hostil que consegui imaginar, debaixo d'água. Assim pensando na água também como

assunto, caminhei pela cidade de Maricá afim de realizar mergulhos com as Ervas e registrar este momento. Estas pinturas são para mim o inicio do que foi um longo processo de entender o que significava esse mergulho/afogamento e como eu lidaria com isso na pintura.

Pintar ao ar livre uma horta tomada pelas ervas pioneiras, também foi uma saída possível para mim no momento pandêmico. Esta série de aquarelas surgiu da minha vivência com este espaço orgânico, que assim como o mundo naquele momento estava em pleno caos, dentro de mim nascia o desejo de registrar o novo olhar para o que na maioria das vezes em nosso cotidiano acelerado não era possível notar. Esse novo olhar me incentivou a conviver ainda mais com o natural, me fazendo permanecer com a série.

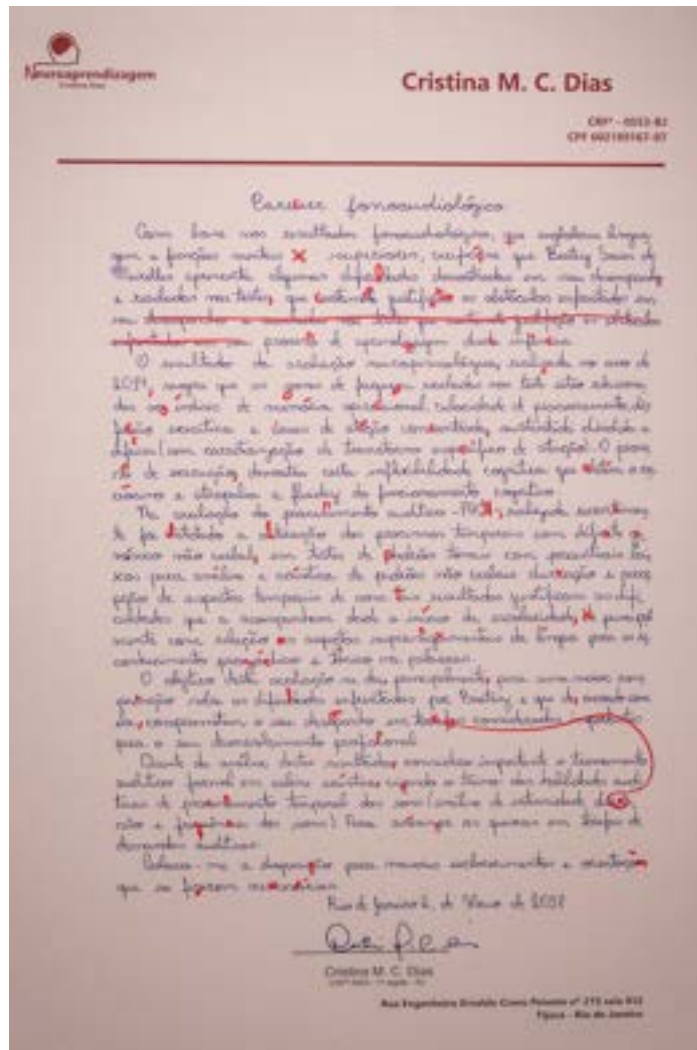
Por fim, fundamental até aqui é o entendimento do valor que existe em ser resiliente, saber que o sistema favorece sim alguns e que se você não é um deles, não tem problema, talvez seja ainda melhor ser assim. Que essa obra elogie a todos que nunca se encaixaram no sistema.

DIÁRIO DE PESQUISA

Minha passagem pelo curso de pintura foi toda, ao meu ver, bem concisa. De criação pictórica 1 a pintura 2 tive interesse por pintar a relação do homem com a natureza, eram sempre paisagens com figuras humanas retratadas. Porém, em 2019, quando cursei pintura 3, comecei a realizar alguns exames, afim de descobrir o que poderia estar dificultando meu aprendizado ao longo de tantos anos, no fundo era importante para mim dar um nome ao distúrbio que imagina ter, mas sem diagnóstico até aquele momento.

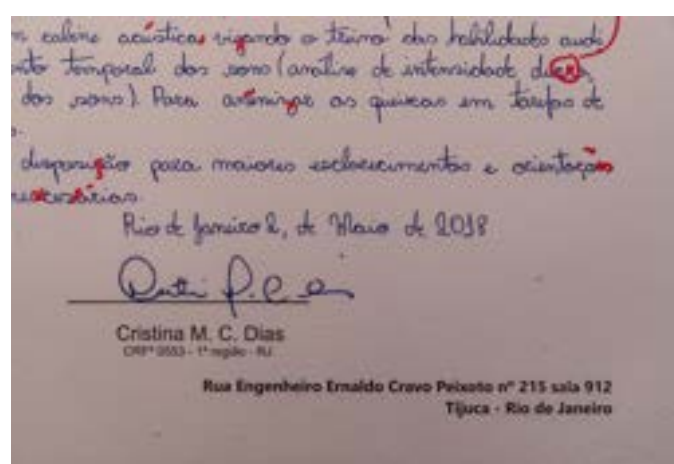
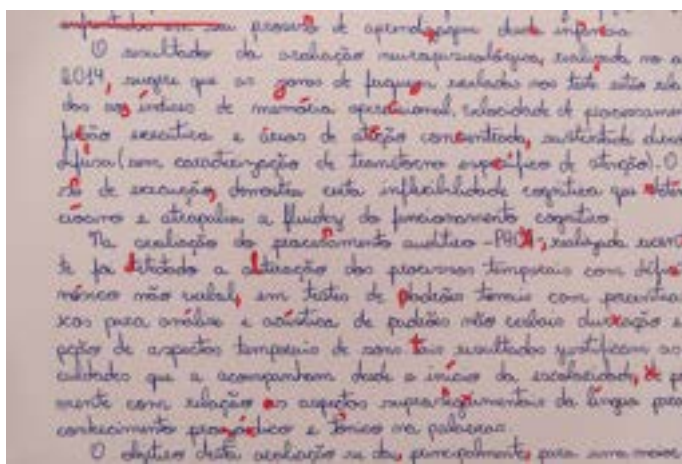


Assim, como esperado, meu diagnóstico foi de dislexia, e junto a ele uma disfunção de 50% no processamento auditivo central (DPAC). Esse processamento fica



no córtex central sendo ele o responsável pelo que fazemos com o som que chega. Pela Pela dificuldade que apresentava e sem orientação adequada, minha mãe no auge dos seus 40 anos foi fazer o curso de fonoaudiologia e foi bem nesse momento, conversando com alguns especialistas e doutores da área, que fomos entender melhor o que esse transtorno representava e o impacto no desenvolvimento. A partir do diagnóstico preciso, pude entender o real motivo de alguns dos meus comportamentos, e principalmente das dificuldades que sempre fizeram parte da minha vida.

Logo depois desse diagnóstico se iniciou o edital para participar da bienal Diversidade da EBA, procurei a professora Yoko para me orientar a desenvolver um trabalho para o edital. Ela me despertou para como a dislexia poderia ser a minha parcela de diversidade, foi assim que nasceu o Laudo. De maneira objetiva, essa obra apresenta a verdade sobre o diagnóstico, tanto o texto que foi redigido pela especialista explicando exatamente o que eu tinha, como a maneira que foi escrito. Onde eu pedi que ditassem o texto para mim, enquanto escrevia como achava ser o correto. Depois disso pedi que corrigissem o que estava errado com caneta vermelha, como acontece no ambiente da



escola. Com o texto pronto, fiz a substituição na folha oficial da fonoaudióloga, e com sua autorização, mantive o nome e número de identificação da Fonoaudióloga que me atendeu, tornando tudo verdadeiro e verificável. A obra foi aceita pela bienal e foi exposta como uma plotagem vinílica na parede do passo imperial em setembro de 2019.

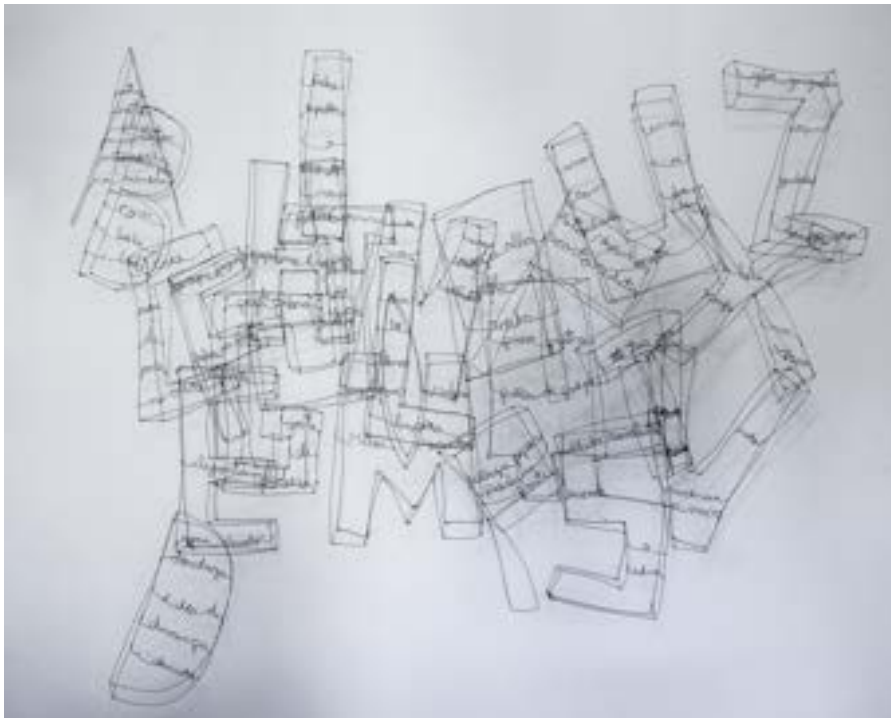
Após esse trabalho e principalmente a após a visita que realizei a bienal de Veneza em 2019, minha pesquisa passou por grandes mudanças, dando início a um desejo de produzir objetos e pinturas em outros formatos, que por uma dádiva, também é o objetivo de pintura 3. Então, aproveitei esse período para me reorganizar na pintura, colocar as ideias em ordem após tantas novidades. Apesar de muitos trabalhos e até esse momento parecerem um pouco confuso e desorganizados, tive bons frutos desse tempo entre eles a obra método, Nó e submerso.

Submerso, é uma série de pinturas que desenvolvi refletindo minha relação com a água, e o gosto pelo mergulho. Ela surgiu quando encontrei uma série de fotos que tirei em baixo da água em uma aula de dança em 2015, na época eu não tinha qualquer relação com a arte, mas por algum motivo aquele movimento nas sombras chamou minha atenção, e esse olhar é muitas vezes o que mais caracteriza um disléxico, a capacidade de prestar atenção no que aparentemente é desinteressante. Mas infelizmente as pinturas não traduzem essa intenção, faltou conhecimento de pintura na época, o que hoje, com o conhecimento adquiri posso perceber. Mas fica aqui como registro, para uma ideia que talvez no futuro eu dê prosseguimento.



Assim segui pesquisando como poderia falar da dislexia na minha pintura, no início tudo era bem óbvio, trabalhei muito com as palavras em especial com a maneira pela qual é realizada a alfabetização na rede pública de ensino no Brasil. Resgatei um livro paradidático da minha infância, nele cada página era uma frase e um desenho de uma letra, desse modo, repetindo e repetindo acredita-se que a criança entenderia o som das letras e aprenderia. Essa repetição é exatamente o que nunca

funcionou para mim, não adiantava repetir, eu precisava de algo visual, precisava do porque das coisas. Nesse sentido o livro foi importante, eu lembrava das ilustrações e relacionava as letras. Então nó é sobre isso, o emaranhado de pensamentos na cabeça de uma criança que se organiza para formar algo concreto, que na verdade é apenas um som, sutil e cheio de ar, assim como as letras em arame.



Método surgiu de uma necessidade que tinha de enfrentar essa barreira da educação. Pois o que deveria dar oportunidades e equilibrar a balança social, só distorcia mais, existe um abismo cada vez maior em quem consegue seguir a norma social lendo e escrevendo corretamente e quem se esconde atrás do corretor do Google. Isso se deu porque lá atrás, o método de ensino vigente não foi capaz de transmitir a todos o conhecimento por igual, porque as pessoas são diferentes e repedir não funciona para tudo mundo. Não estou ignorando o fato de haver muito interesse em controlar a educação de um país, em manipular e manter as pessoas cativas, mas também existe a inabilidade do olhar ao diferente. Assim a obra Método 1 e 2 são 160 tijolos maciços com palavras usadas para alfabetizar, como ele cada pessoa pode construir sua própria maneira de aprender, poder usar sua força para destruir o que já foi dado e a possibilidade de construir algo novo da forma que achar melhor.





Método foi produzido em uma olaria familiar em Itaboraí/RJ, onde passei o dia escrevendo nos tijolos recém moldados e ainda úmidos, que depois ficariam 15 dias secando até serem queimados em um forno a lenha.

Antes de conseguir recursos para essa grande produção, fiz alguns experimentos no ateliê de cerâmica do fundão, e descobri o quanto é difícil produzir algo maciço que não quebre no forno, isso porque, se houver qualquer bolha de ar na argila em contato com o calor do forno, cria uma pressão interna que trinca e quebra a peça de barro. Por esse motivo objetos maiores são ocos. Na fábrica existe uma máquina que sova tão bem a argila que a perda é mínima, mas ainda existe. E dessas supostas perdas no ateliê surgiu a obra Prova, que fala exatamente sobre esse esforço que antecede um grande desafio, e que por não ter sido preparado com o método correto se rompe e quebra.



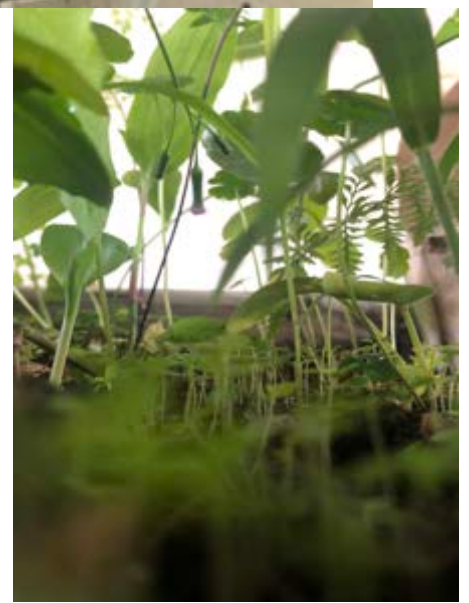
ERVAS PIONEIRAS

2020 foi um ano complicado, com a pandemia a todo vapor, meu olhar mudou. Ficar tanto tempo em casa me fez, assim como a muitos, querer tudo mais bonito e

confortável, junto com a minha família, começamos a cuidar mais das plantas e da casa. Eu sempre tive um carinho maior com as plantas, minha curiosidade só crescia nesse tempo, comecei a pesquisar como cuidar melhor delas, como proteger e preservar. E foi assim que descobri as ervas daninhas, plantas são chamadas assim porque seu crescimento depende de outra planta e muitas vezes pode causar a morte de sua parceira, assim as ervas daninhas precisam ser removidas o mais rápido possível de um jardim, antes que causem a morte de outra por completo. Porém nem toda planta que é chamada assim realmente é. Algumas são Ervas Pioneiras, responsáveis por desbravar o solo, são as primeiras a parecer em qualquer terreno, o mais árido que seja, e nele prosperam, crescem até que novas plantas maiores tenham umidade e nutrientes para, se assim puderem, formarem novas flores.

As ervas pioneiras são muito resistentes, são capazes de crescer em qualquer pedacinho de terra, em fendas entre rochas, no asfalto, na parede, basta que haja umidade e elas prosperam. E foi isso que vi quando cuidava dos jardins, enquanto uma planta ornamental necessitava de cuidado e atenção, as ervas pioneiras não, desta forma, apenas um mês sem manutenção e um jardim estaria totalmente entregue a elas. Porém, entre as mesmas quem seria a mais resistente? Essa foi uma das perguntas que me fiz quando iniciei vários testes para ver até que ponto elas resistiam e quem insistia mais.

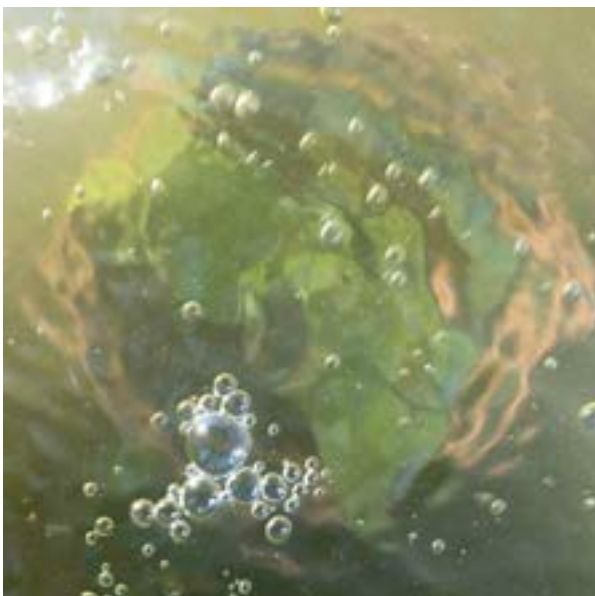
Comecei deslocando as que encontrava no meu jardim para uma jardineira de caixote de feira, lá as observava de perto enquanto cresciam e lutavam bravamente contra as adversidades do tempo. Registrei esse processo em fotos semanais e depois fiz algumas fotos com vista interior, como uma formiga dentro da jardineira, para uma série de pinturas. Essas jardineiras foram vencidas pela seca e pela minha vó, que me visitou, achou que era “mato” e descartou. Essa série de pinturas existe apenas em formato reduzido em meu caderno, foram inspiradas na cromaticidade da artista Tatiana Tschape.



Em 2021 tivemos uma nova bienal da Eba, e pensando nela desenvolvi a obra Monumento, ela são as jardineiras de caixote que estava pesquisando organizadas uma em cima da outra, com o fim de criar um sistema de sobrevivência mútua e uma grande estrutura que tivesse uma presença tal, que fosse possível o acompanhamento de sua evolução ao longo da exposição, já que ela estaria em constante evolução. Outra característica importante deste trabalho é que ele é um sitespecific, as ervas pioneiras presentes nas jardineiras seriam colidas nos arredores do parque laje e deslocada para o espaço expositivo, agora em um lugar de honra e respeito.



Um outro teste de resistência que realizei foi a água, como as plantas reagiriam a um mergulho em diferentes águas? Nesta série realizei 3 experimentos iniciais. O primeiro foi um vaso com ervas pioneiras que ficou cerca de 1 mês em uma piscina de água tratada. Fotografei diariamente o vaso até ser removido. Depois fiz uma pintura em guache. O segundo foi também um vaso que mergulhei em um lago de água não tratada, este durou meus de um mês. E também foi fotografado diariamente e possui uma pintura em guache. Já para o terceiro, decidi por algo diferente e o mergulhei na água do mar, o problema é que minha cidade não possui uma encosta onde eu pudesse deixar o vaso e acompanhar a evolução, então fiz apenas um mergulho e o registro. Ele não possui um guache.





Diante desse último trabalho no mar tive a ideia de fazer um mergulho nas águas de Maricá, mas para isso não poderia fazer sobre qualquer planta. Fiz uma pesquisa sobre nossa restinga e qual seria a planta mais comum, a que cresce em abundância e que está acostumada aos alagamentos típicos desta região. Foi então que elegi a Ipomea pes-caprae, mas conhecida como Salsa-brava. Uma espécie típica da região que tem como característica raízes em forma de rizoma, que ajuda a fixação das dunas de areia. Depois de escolhida, fiz a retirada da planta com a própria areia da praia e as coloquei em um vaso.



Com o vaso pronto, no mesmo dia, realizei o percurso por todas as lagoas de Maricá e mergulhei o vaso em cada uma registrando tudo com fotos e vídeos. Com um total de 5 mergulhos, 5 lagoas, 5 pinturas e um vídeo de 5 minutos como uma reunião de cada mergulho.



Após esse momento me surgiu o interesse em pintar uma vista frontal do mergulho, já minha câmera não é a prova d'água não conseguia fazer esse tipo de foto, e foi quando tive a ideia de um aquário para realizar o mergulho, olhar e pintar ao vivo. Consegui o aquário e ao realizar o primeiro mergulho, percebi o quanto as mudanças na planta e no tom da água eram rápidas, que não seria possível fazer nenhuma pintura mais longa, então comecei a registrar com fotos, mas o reflexo do vidro não permitia uma boa visualização, sendo necessário produzir uma estrutura ao redor que impedisse luz frontal e lateral, e desta forma consegui registros melhores.



Porém após refletir e discutir com outros artistas e com meu orientador, cheguei a conclusão que a pesquisa está se desenrolando para um caminho que não era o que eu buscava. Minha ideia desde o início era fazer uma homenagem a todos os resistentes, que mesmo crescendo a margem, seguem firmes no seu caminho. E por mais que tenha sido interessante pra mim ter descoberto o nível de resistência das plantas, não fazia sentido junto a pesquisa matar quem eu buscava homenagear.

Foi então que meu foco na pesquisa mudou, passei a buscar mais claramente formas de fazer minha homenagem de maneira objetiva, unindo meu gosto por caminhadas contemplativas e pela pintura. Nesse momento surgiu uma série de aquarelas ao ar livre, busquei lugares pela cidade que aparentemente estavam abandonados, onde as ervas pioneiras reinavam, e nesse ambiente, foi onde fiz as pinturas rápidas sobre o sol da manhã.



Esse mesmo período me inscrevi em um tópico especial de ilustração botânica, a fim de aprender um pouco mais da ciência por trás dessa arte, já que meu objetivo era homenagear as Ervas pioneiras, decidi que precisava ser da melhor maneira possível, como eram feitas pelos cientistas, só que diferente deles eu não busquei um ideal da planta, apenas a retratei como ela realmente está no mundo. Nesta série tenho alguns desenhos a lápis e uns em nanquim. Nesta segunda série a planta usada como objeto de estudo foi um trevo facilmente encontrado em canteiros na região sudeste do Brasil. Os trevos são plantas que crescem espontaneamente e são sinais de solo ácido, um solo bom para eles, mais ruim para saúde das plantas ornamentais. Esses trabalhos são bem detalhados como devem ser uma ilustração botânica, possuindo todas as partes da planta, juntas e separadas, para que seja possível estudá-las por completo.

Uma terceira e última série que inicie durante desse período de observação nas ruas foi a das plantas nas fendas. Com o objetivo de ter mais tempo para desenvolver um trabalho mais detalhado, fiz alguns registros fotográficos e pintei a partir deles em meu ateliê. Pinturas a óleo, que retratam Ervas pioneiras que crescem nos locais mais improváveis possíveis, que lutam para sobreviver com o mínimo.

Após terminar a primeira pintura em um formato médio de 60x80 cm, percebi o quanto era interessante e poético manter pintado apenas a planta e a fenda de seu



nascimento. Assim se ela estiver posicionada em uma parede branca, será possível ver como ela faz parte daquela parede, sendo esse o ponto da minha homenagem. As ervas pioneiras finalmente fazem parte de um lugar de honra e respeito, onde poderão ser vistas e apreciadas exatamente como são, sem adereços ou embelezamentos algum.



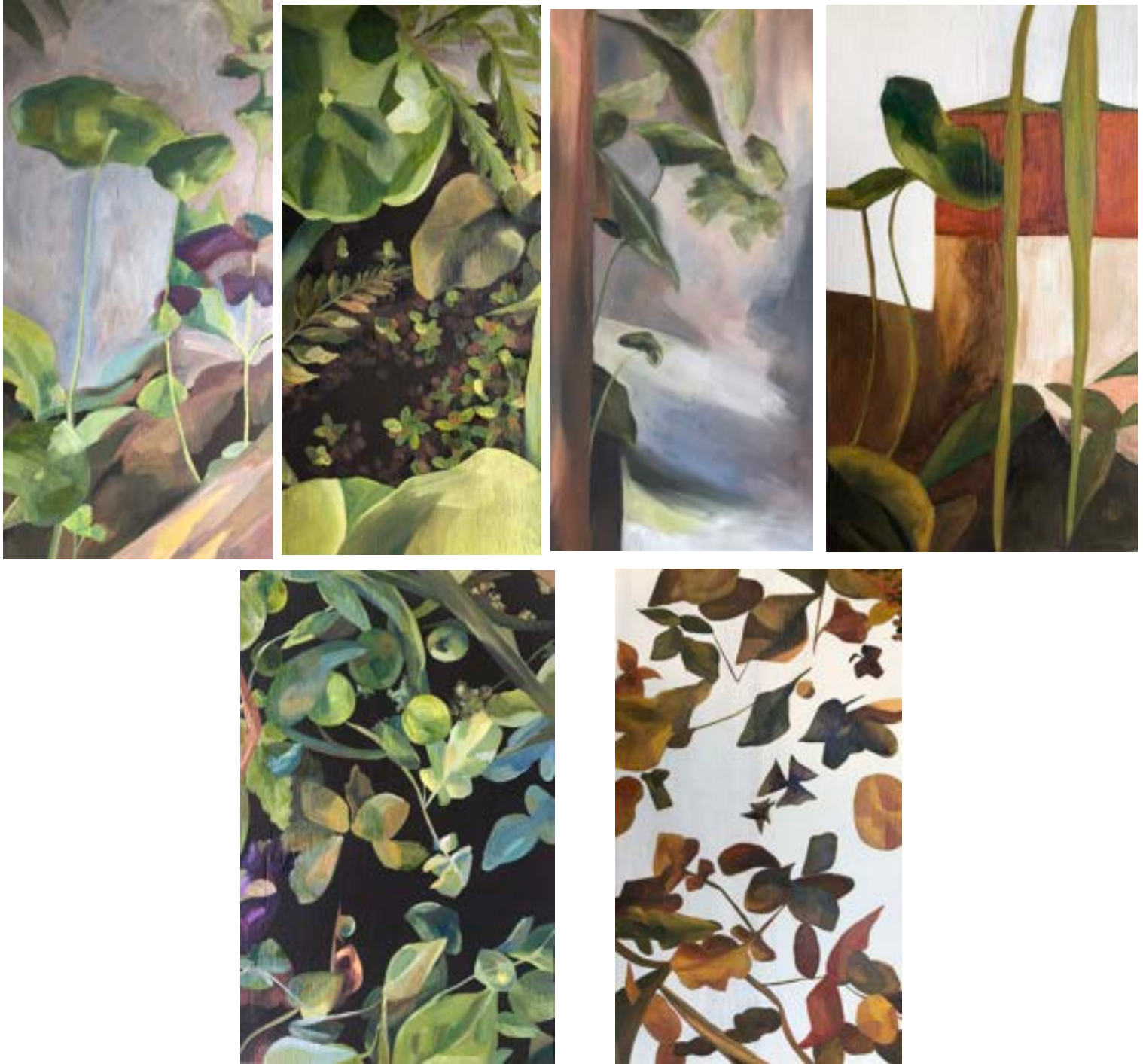
SOBRE PINTURA

A série de pintura que hoje apresento como a conclusão do meu trabalho nasceu em um caixote, esses de feira mesmo, que encontrei no lixo. Eu havia acabado de fazer uma manutenção de rotina no meu jardim e como sempre, senti uma “dor” por ter que retirar algumas plantas que “enfejavam” o jardim. Tudo bem, podemos entrar aqui em uma longa discussão sobre a beleza, mas em vez disso, vou tentar ser mais prática, e talvez depois retorne nesse assunto. A verdade é que existem plantas que dominam o jardim e sempre oprimem as que você planta, afinal de contas, aquele é o lugar nativo dela e não das suas, mas infelizmente essas plantas não são tão bonitas, quanto as ornamentais e por isso se tornam indesejadas, conhecidas como ervas daninhas ou pioneiras, como passei a chamá-las, assim como os biólogos.



Separei essas plantas e coloquei no caixote, apenas pela curiosidade de saber quem sobreviveria, já que elas eram tão fortes. Depois, tirei algumas fotos de dentro da jardineira como uma formiga olharia (apenas um exemplo de alguém de dentro). E

comecei a pintar, suporte de madeira, preparado com gesso crê, cola e zinco, tinta óleo nos tons terrosos, mas o resultado não foi o esperado, o fundo começou a ficar craquelado e era muito absorvente. Assim, em um momento de profundo desespero recorri a minha zona de conforto com uma outra série sobre os mergulhos que desenvolvia paralelamente, onde pintava com tinta guache.



Mergulho plasticamente é bem resolvida, a técnica e a água me levaram a pintar em blocos e com passagem duras (foi aí que nasceu a maneira que pinto hoje), a escolha de paleta finalmente revelou que aprendi algo muito valioso no curso, a escolha foi tão instintiva e a forma como funciona surpreendeu a todos (inclusive a mim). Horas e horas de trabalho me levaram a duas pinturas, que considero boas e me deram um novo fôlego para voltar ao óleo.



Nesse processo de pesquisa e conversando com meu orientador, fui instruída a fazer alguns estudos baseados nas pinturas da artista Tatiana Tschäpe, com referência às fotos da jardineira.





Fiz também uma série de pinturas durante a matéria de pintura 5, que tratava-se do mergulho em águas agora maricaenses, mergulhei um vaso de Erva-brava nas lagoas de Maricá e fotografei. Fiz todas essas pinturas cronometrando até 2 horas, foi um desafio pessoal, minha intensão era me soltar mais e trabalhar melhor a partir da mancha.





Depois de fazer essas pinturas, senti a necessidade de apurar mais as fotos para não ter meu reflexo nas pinturas, pensei tbm que seria interessante ter uma vista frontal do vaso, então em um diálogo com meu grupo de estudo, surgiu a ideia da fazer o mergulho em um aquário, assim conseguiria tempo e a vista que buscava.



Bem, eu tentei, fundo escuro fundo claro, paleta terrosa, paleta aberta, fiz de tudo um pouco e nada era satisfatório, resolvi voltar ao que deu certo os blocos, agora não mais com fotos da caixa, a pesquisa já tinha caminhado literalmente, pois em muitas de minhas caminhadas, comecei a reparar onde essas plantas nasciam, qual era seu habitat? As fendas, em áreas urbanas, qualquer pedacinho de terra úmido era suficiente para elas crescerem, então comecei a fotografar essa maravilha da natureza, que está bem na nossa cara, dia após dia, e quase ninguém repara, mas que passariam a reparar, já que me viam fotografando na rua.



Apliquei os blocos a essas fotos, e foi quando tudo começou a dar certo, a primeira pintura tem uma paleta reduzida e formas mais abstratas. Conversando com meu orientador, chegamos a conclusão que ter um fundo de preparação mais liso, permitiria passagens mais precisas e maior detalhamento. Sendo assim, para a próxima pintura realizei uma preparação com mais camadas de tinta pva branca, com carbonato de cálcio, cada camada era lixada para ter no final uma resultado bem liso e aveludado.



Seguindo a pesquisa continuei fazendo estudo sobre tela, buscando encontrar uma maneira de pintar o que retratasse bem as texturas das superfícies, pois precisava

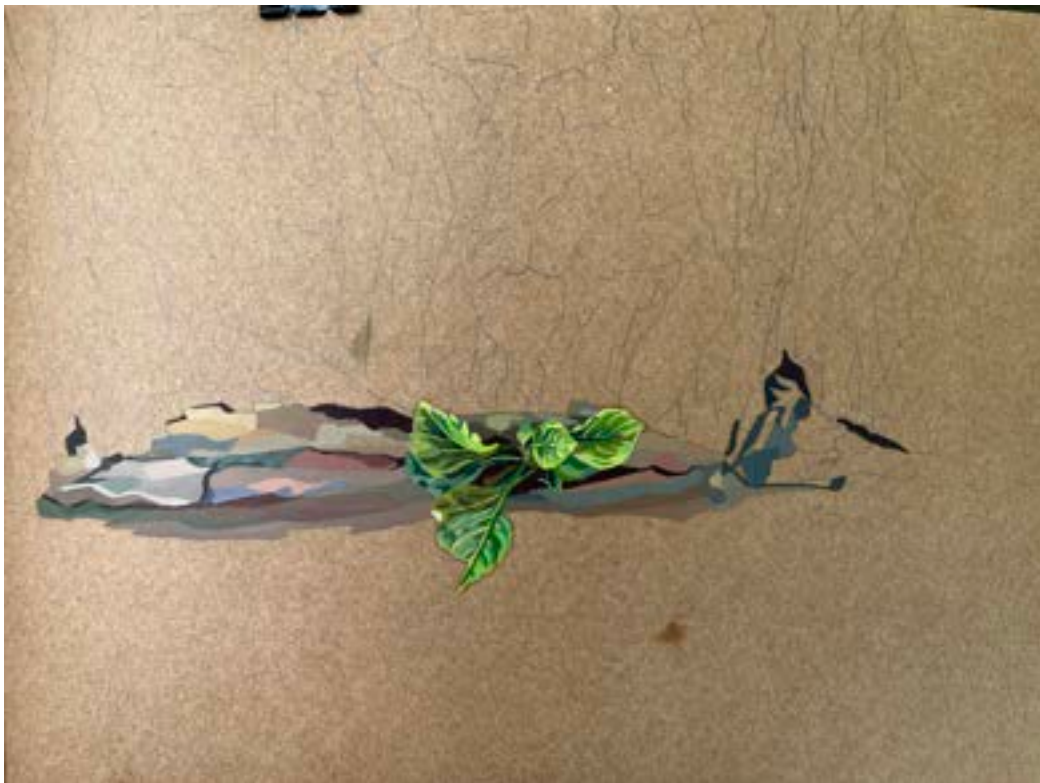
me fazer entender. Que ao olhar a pintura, o espectador visse uma planta em uma fenda de rocha, ou cimento ou até asfalto, essa diferença precisava existir, pois até aquele momento, muitos dos estudos que realizei, ainda ficavam no campo do abstrato, diferentemente nesse estudo, enquanto o desenvolvia pensava na compreensão do espectador.



Nesse tempo fiz alguns estudos só sobre a textura das rochas, e encontrei paletas cromáticas bem interessantes, no futuro pretendo transformar-los em pinturas.



Realizei um estudo no meu caderno de pesquisas, porém não finalizei, porque percebi que o resultado já estava muito bom, assim decidi passar logo para a tela maior, mantendo a mesma proposta de pintar em blocos, porém, agora bem menores, com mais detalhes e com a paleta do estudo.





E essa foi a primeira pintura que considero bem sucedida dessa nova série, com ela defini alguns caminhos importantes: primeiro a tela teria que ser de um algodão de trama fina ou linho, segundo é necessário 4 camadas de tinta pva com carbonato e cálcio, terceiro a tinta óleo precisa ter pouca mistura de molho, ela não pode estar muito líquida nem muito espessa, é importante que tenha uma boa cobertura, mas não deixe marcas de pincel. Assim a tinta óleo se aproximou ao acabamento do guache que tanto amo. E esse amor me levou a uma nova série.

Olhando as fotos e as plantas na rua, tive a ideia de pintá-las do tamanho original, mantendo a proporção de 1x1. Assim cortei folhas de 300gm no tamanho de 10x15 e comecei a pintar com o guache esses pequenos retratos, cartões postais de cada planta, algumas encontrei o nome outras são anônimas, mas todas tem um lugar na série. O formato e a precisão do guache ressaltaram as formas tão particulares que cada planta possui.

Uma questão importante que aparece tanto nessa série de guache quanto nas pinturas a óleo de 60x80, é minha escolha em manter o negativo do papel ou da tela em branco. Essa ideia surgiu pintando a primeira tela, quando terminei a planta e a Vanda achei que tudo se destacou muito mais desta maneira, a fenda ganhou protagonismo. E quando exposta em uma parede branca, considerando a distância, a tela pode se confundir com a parede e a fenda fará parte daquele lugar, ativando a parede da galeria como parte do trabalho.



INFLUÊNCIAS ARTÍSTICAS

Comecei minha jornada no curso de pintura tendo o Claude Monet como artista âncora, o artista para quem eu olhava as cores, formas e composições. Permaneci com ele durante o tempo que o curso exigia em âncora, foi uma fase importante no meu processo, aprendi muito sobre a cromaticidade impressionista e tenho certeza que influencia meu trabalho ainda hoje. Monet me ensinou a ver as possibilidades das cores, a beleza que existe quando se encontra uma boa relação, e como uma cor pode se alterar dependendo desta. Aprendi a usar o preto como cor e não para criação de tons, característica que persiste ainda hoje na minha pintura.



Claude Monet, "Aspargos", óleo sobre tela ,
198.2 x 178.4 cm. 1914-26.



Claude Monet, "Nenúfares", óleo sobre tela ,
198.2 x 198.2 cm. 1914-17.

Com relação ao presente trabalho de conclusão de curso minha influência inicial foi artista Michael Landy, depois de meu orientador comentar sobre a semelhança em nossos trabalhos passei a conhecer mais sobre o artista e fiquei muito surpresa com a semelhança no discurso. Pode se dizer que temos a mesma causa, só o resultado plástico que é diferente. Para a editora Paragon Press, ela comentou que eram "pequenas coisas que crescem em rachaduras na rua", e também sobre a importância de falar sobre elas como uma alegoria aos cidadãos, que da mesma forma persistem em prosperar em lugares tão hostis como os grandes centros das cidades.



"Herb Robert", uma das primeiras obras que Landy produziu após um hiato artístico pós-"Break Down".
Michael Landy; DACS, Londres/Artists Rights Society (ARS), Nova York; Parago



“Linho de Sapo Comum” (2002)

Michael Landy; DACS, Londres/Artists Rights Society (ARS),
Nova York; Paragon

Em minha visita a Bienal de Veneza em 2019, conheci o artista Hicham Berrada, e a instalação “Mesk-Ellil” onde ele cria pequenos habitats onde as plantas são capazes de prosperar em salas sem a iluminação correta ou menos água. Sua intenção é criar universos autônomos, capazes de manter a vida, mesmo que a Terra tenha seu fim. Esta obra inspirou meu trabalho sobre o mergulho, e o questionamento sobre a vida das plantas.



Hicham Berrada, “Mesk-Ellil”, instalação 2015-2019

Depois de conhecer Michael Landy e a bienal, minha mente se abriu a possibilidade real de existirem outros artistas que possuem o mesmo olhar para as ervas daninhas, então comecei a pesquisar sobre tais artista e conheci Rosana Palazyan, brasileira e descendência Armênia, Rosana tem uma pesquisa voltada para tais ervas, onde ela une o natural das plantas com sua ancestralidade no bordado.



Rosana Palazyan, “Porque Daninhas ? Na instalação O jardim das Daninhas ” . Dimensões variadas, 2010.



Rosana Palazyan, “Porque Daninhas ?” . Dimensões variadas, 2006/2015.

Quando encarei o desafio em participar de Bienal da eba 2021, não tinha nenhum projeto pronto, comecei a desenvolver algo novo baseado no que vinha pesquisando, e no momento meu trabalho mais forte era o com as caixas de feira. Então pensando sobre a montagem junto ao meu orientador, o mesmo comentou sobre como as caixas eram semelhantes a alguns trabalhos do Sean Scully, e então vendo seus trabalhos e lendo sobre seu discurso me inspirei para montar um monumento na vertical, alto e imponente, como as ervas pioneiras devem ser vistas.



Crate of Air 2018
Sean Scully (b.1945)
Yorkshire Sculpture Park



Inside Outside
2018
Sean Scully
Yorkshire Sculpture Park

Agora mais recentemente descobri a obra de Mona Caron, artista Suíça que estará participando da Bienal de São Paulo esse ano, seu trabalho consiste na pintura de murais em edifícios de vários andares ao redor do mundo, ela pinta justamente as ervas daninhas, como uma homenagem às plantas que insistem em crescer no asfalto, símbolos de resistência. Sua pintura enaltece as ervas e mostra para o mundo a importância social delas, seu trabalho me inspira a pensar grande e acreditar na força que existe neste assunto.



Shauquethqueat's Eutrochium
2021
Weeds projects
Jersey City



Cohosh
Weeds Project
Brooklyn

Agora mais recentemente descobri a obra de Mona Caron, artista Suíça que estará participando a Bienal de São Paulo esse ano, seu trabalho consiste na pintura de murais em edifícios de vários andares ao redor do mundo, ela pinta justamente as ervas daninhas, como uma homenagem às plantas que insistem em crescer no asfalto, símbolos de resistência. Sua pintura enaltece as ervas e mostra para o mundo sua importância social, seu trabalho me inspira a pensar grande e acreditar na força que existe neste assunto.

As minhas pinturas mais recentes têm uma característica bem marcante, o fundo branco, nelas pinto apenas a fenda e a planta, não existe parede ou sombras, isso porque quando expostas em uma parede branca será parte da parede ativando os espaços e habitando a galeria.

Essa ideia foi inspirada nas pinturas de Lygia Clark, chamadas Superfícies moldadas, onde ela ativa a parede com parte da obra, fazendo grandes positivos e negativos.



Plano em superfície moldada, número 107
1957
Colagem de cartão

CONCLUSÃO

Olhar para o mundo e encontrar um lugar para chamar de seu não é tão simples quanto parece, é preciso ter algumas características pessoais que podem ser difíceis de encontrar por aí. Primeiro, precisa se adaptar bem as situações adversas, segundo, ter uma boa reserva energética e em terceiro, mas não menos importante, uma rede de apoio para se proteger. Quantas pessoas você pode lembrar que se encaixam nesses breves requisitos? E quantas se encaixam e ainda não possuem seu lugar? Isso porque nosso sistema não está preparado para honrar quem está disposto a lutar e sim está pronto a reafirmar quem já nasceu na posição certa. Olhar para quem está a margem do sistema e trazer reconhecimento, foi o objetivo desse trabalho. Ervas Pioneiras é sobre coragem, força e resiliência, é sobre se manter de pé mesmo que o mundo não queira, na verdade, apesar disso.

Concluo, entendendo que as vezes não se encaixar pode ser algo bom, pode abrir novos caminhos, pode nos forçar a pensar diferente, o que no final é o que a arte procura, possibilidades diferentes de mundos, novas formas de viver e existir. Acredito que as Ervas Pioneiras representam um novo lugar, e pintá-las e principalmente observá-las tem sido um grande privilégio, formas e linhas sutis, tons e cores diversas que apuraram meu olhar.

Pintar sempre foi e sempre será desafiador para mim, Ervas Pioneiras é um projeto do qual muito me orgulho, comecei na inocência de criar novos jardins e encontrei uma linda saída plástica, pintar em blocos escolhendo cada tom separadamente, não eliminou o desafio na verdade o elevou. Tenho aprendido a ter paciência, a lidar melhor com o tempo, a valorizar toda limpeza necessária para que se chegue a cores puras, equilibrar a suavidade e a expressividade nas passagens, requer muitas vezes ver além do esperado, pois só assim é possível criar formas com mais verosimilhança.

Acredito que a luta aqui esplanada não está nem perto de acabar, afinal, muita coisa precisa mudar antes que vejamos o diferente sendo abraçado pelo sistema. Somos seres plurais que não estamos prontos para mudar isso, e nem deveríamos. Então pretendo continuar a escrever e a pintar sobre tal luta, homenageando uma planta/pessoa por vez.

BIBLIOGRAFIA

Foucault, Michel. VIGIAR E PUNIR. NASCIMENTO DA PRISÃO. Edição. Petrópolis. Tradução de Raquel Ramallete. 20 a. 1999

Deleuze, Gilles CONVERSAÇÕES coleção TRANS. Editora 34. Tradução Peter Pál Pelbart. 1972-1990.

Gumbrecht, Hans Ulrich. ATMOSFERA, AMBIÊNCIA, STIMMUNG. Sobre um potencial oculto da literatura. Editora Contraponto. 2014

Mayer, Ralph. MANUAL DO ARTISTA. editora Martins fontes. 2015.

Argan, Giulio Carlo. ARTE MODERNA. Tradução de Denise Bottmann e Federico Carotti. São Paulo. editora Companhia das Letras. 1992.

Short Guide. MAY YOU LIVE IN INTERESTING TIMES. Biennale arte 2019

Gonçalves, E. G., Lorenzi - Morfologia vegetal: organografia e dicionário ilustrado de morfologia das plantas vasculares; 2a. Ed. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2011

Hodges, Elaine R. S. - The Guild Handbook of Scientific Illustration; USA: John Wiley & Sons, New Jersey, 2003

King, Christabel - The Kew Book of Botanical Illustration; Great Britain: Search Press Limited, 2015

Maltzman, Stanley – Drawing Nature. Cincinatti, Ohio: North Ligth Books, 1998.

Philippe Ariès. HISTÓRIA SOCIAL DA CRIANÇA E DA FAMÍLIA. Tradução de Dora Flaksman. editora LTC. 2018.

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL



Ervas Pioneiras

Beatriz Meirelles

26 a 5 de outubro 2023
segunda a sexta 8hs às 17hs

Galeria Macunaima Papel
Av. Pedro Calmon 550
Cidade universitária - RJ





Compromete a leitura, devido à proximidade com o espectador (entre textos e símbolos gráficos), me deparei com a necessidade de discutir questões relacionadas



práticas
 stitucio
 caixa ne
 nhas" pr
 variado
 lizados,
 ão e po
 ou rura
 er mold
 cresce
 irmando
 eantes.
 é o en
 ce sim
 elhor s

